

## **PESQUISA DE CAMPO NO PARQUE NACIONAL DA RESTINGA DE JURUBATIBA – RJ COMO VIVÊNCIA CONCRETA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**

Raquel Figueira Bastos<sup>1</sup>  
Angélica Almeida de Oliveira<sup>2</sup>  
Carlos Eduardo Lopes Marins Azeredo<sup>3</sup>  
Thaíssa Gomes Leite<sup>4</sup>  
Zandor Gomes Mesquita<sup>5</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre a pesquisa de campo realizada com estudantes do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Benta Pereira, Campos dos Goytacazes - RJ, ao Parque Nacional da Restinga Jurubatiba, localizado entre os municípios de Macaé, Quissamã e Carapebus, no estado do Rio de Janeiro. Busca-se, neste relato, explicitar a pesquisa de campo como uma estratégia didático-pedagógica eficaz no ensino de Geografia. A escolha do local para a realização da atividade foi feita tendo como base a possibilidade de propiciar a vivência concreta de um conteúdo abstrato. Na unidade de conservação, dentre outras dinâmicas, fazia-se possível debater os conteúdos vinculados à Competência 3 da BNCC para o Ensino Médio, que prevê a discussão socioambiental e as relações entre sociedade e natureza, com destaque para as habilidades EM13CHS302 e EM13CHS304, que tratam da ação dos indivíduos e organizações empresariais e governamentais na Restinga, além da reflexão acerca da importância da sustentabilidade e da ética socioambiental. Desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), a atividade propiciou aos futuros docentes de Geografia que compõem o projeto, vivências e experiências relevantes no que tange às diferentes formas de promover aprendizagens significativas junto aos discentes, mostrando caminhos para além da sala de aula. A partir de uma abordagem qualitativa de natureza descritiva, o relato se baseia na percepção dos diferentes atores do processo de aprendizagem e a forma com que a pesquisa de campo influenciou no seu entendimento do conteúdo geográfico. Durante a visita, constatou-se a relevância da mediação docente e do contato direto com o ambiente natural como elementos fundamentais para a compreensão dos ecossistemas costeiros e das complexas interações entre sociedade e natureza, possibilitando a articulação entre os conceitos teóricos e a realidade observada no ambiente.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Pesquisa de campo, BNCC, Ensino Médio.

<sup>1</sup> Supervisora PIBID; Mestre em Geografia - Secretaria Estadual de Educação - RJ; raquel.rfb@gmail.com;

<sup>2</sup> Bolsista Pibid; Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia -IFF - RJ, angélica.a@gsuite.iff.edu.br;

<sup>3</sup> Bolsista Pibid; Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia -IFF - RJ, lopes.azeredo@gsuite.iff.edu.br;

<sup>4</sup> Bolsista Pibid; Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia -IFF - RJ, thaissa.g@gsuite.iff.edu.br;

<sup>5</sup> Doutor em Geografia; IFF - RJ; zandor.mesquita@gsuite.iff.edu.br.

## INTRODUÇÃO

“A Geografia está em toda parte”. Com esse título como referência, o geógrafo britânico Denis Cosgrove constrói um texto que trata de uma característica *sui generis* da ciência geográfica: seu objeto de estudo não se restringe a sala de aula. O andar pelas calçadas, a visita a uma feira, a observação sobre a organização de uma rua, a análise do balançar das folhas de uma árvore em função do vento, tudo isso oferece possibilidades de construção do conhecimento geográfico (Cosgrove, 2012). Mas isso não quer dizer que o ambiente escolar e a teorização constituída em sala de aula devem ser preteridos. E sim, que há de se ir além e aproveitar daquilo que a Geografia pode oferecer, que é o fato da fonte de informação e o ambiente de análise ser o espaço, com todas suas dinâmicas conformadoras e conformadas.

A consolidação de um processo de ensino-aprendizagem que tenha como referência essa base auxiliar na superação de um dos principais desafios postos hoje na educação: a integração entre os conteúdos e a prática. As relações que se desenvolvem e caracteriza o espaço é dinâmica, as modificações são constantes, a conformação de suas forças é mutante e a consolidação de suas bases se alternam. Mas todos esses processos deixam marcas, pelas quais se faz Geografia. Sua apropriação permite a construção, junto ao aluno, de uma forma de compreender o mundo que se faz por meio de suas indagações e curiosidades, consolidando o saber não por aquilo que é repassado, mas sim vivido e testemunhado (Freire, 1996).

Mas, os desafios para superar essa dicotomia entre teoria e prática não estão restritos ao ensino básico. Ela também se manifesta no ensino superior, pois, como aponta Gatti (2010), ainda existe um grande desequilíbrio entre a teoria e a prática na formação de professores. As ementas dos cursos de licenciatura privilegiam conteúdos de caráter abstrato, reiteradamente distantes da realidade em que futuros professores irão atuar, e no que respeita aos estágios supervisionados, as práticas se restringem às atividades de observação, comprometendo seu caráter formativo. Nesse sentido, o Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) exerce uma extensão da dimensão docente para os bolsistas, sendo ele fundamental no desenvolvimento da prática docente dos futuros professores. Eles conseguem





X Encontro Nacional das Licenciaturas

desenvolver, de maneira mais sólida e com maior autonomia, a interação entre os conteúdos e o cotidiano dos alunos, percebendo na vivência recorrente em sala de aula a importância da pesquisa na prática docente e no conhecimento agregado.

Tendo como base essa perspectiva, a pesquisa de campo na Geografia se apresenta como um método relevante no processo de ensino e aprendizagem, na medida em que permite ao pesquisador, o aluno, o professor a descobrir, observar e entender de melhor maneira as formas e os processos sociais que ocorrem no espaço geográfico. A singularidade da Geografia se consolida por esse método, na medida em que a pesquisa de campo favorece a vivência concreta dos conteúdos geográficos, aproximando a teoria da realidade, fazendo com que o aluno exerça o seu pensamento crítico e perceba a manifestação dos conteúdos aprendidos à sua volta, possibilitando ainda o engrandecimento das práticas docentes dos atores envolvidos no processo educativo.

O texto aqui apresentado tem como objetivo evidenciar a maneira pela qual a experiência da pesquisa de campo dialoga com a vivência concreta do ensino de Geografia e contribui para a formação docente. Trata-se de um relato de experiência referente à atividade desenvolvida no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba-RJ, realizada com as turmas de 3º ano do Colégio Estadual Benta Pereira, em Campos dos Goytacazes-RJ. A escola, localizada no subdistrito de Guarus (território marcado por problemas sociais e ligado a precariedade de infraestrutura), é parceira do núcleo de Geografia do PIBID e apresenta grande desenvolvimento na prática de pesquisa, em função da atuação da comunidade escolar e, principalmente, da ação da Supervisora do sub-projeto de Geografia, Raquel Bastos.

Os resultados da atividade foram extremamente positivos: os alunos puderam observar de perto as paisagens naturais preservadas pelo Parque, e a partir da integração da teoria e prática e da ação dos professores, pibidianos e guias, foram debatidos assuntos referentes às dinâmicas socioambientais da região. E no que concerne a formação docente, a pesquisa possibilitou aos bolsistas do PIBID compreender a importante função que o professor tem de mediar a aprendizagem do aluno além dos espaços escolares, estimulando, para esses futuros professores, um ensino de Geografia pautado nas experiências e alicerçado na pesquisa. Enquanto discentes/futuros docentes, percebeu-se a relevância desse aprender vivenciando, com estratégias que buscam reduzir esse abismo entre teoria e prática.





X Encontro Nacional das Licenciaturas em Geografia

## **REFERENCIAL TEÓRICO/METODOLOGIA: PESQUISA DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA, FORMAÇÃO DOCENTE E PIBID**

O debate metodológico constitui-se como seção elementar do cotidiano pedagógico, envolvendo professores, gestores, licenciandos, estagiários e todos os atores envolvidos no processo educacional. Para além de uma escolha simplória, a decisão sobre quais metodologias explorar em diferentes contextos pedagógicos direciona todas as fases do processo de ensino-aprendizagem, reflete a química entre o profissional docente e seus estudantes e põe em evidência o caráter político do magistério. Nesse caldeirão de possibilidades e desafios, a pesquisa de campo se apresenta como uma dinâmica fértil, sendo capaz de trabalhar as diferentes formas de aprender, trazendo para o processo de ensino-aprendizagem a relação teoria e prática, enfatizando o concebido, o percebido e o vivido.

As escolhas metodológicas feitas pelo docente para melhor desenvolvimento da dinâmica pedagógica perpassa as experiências vividas na sua formação. A organização da trilha de aprendizagem derivará dos caminhos que vivenciaram enquanto alunos e das formas que experienciaram essas rotas. Ao analisar aquilo que se é trabalhado nas licenciaturas do país, Gatti (2010, p. 1374) aponta para uma “(...) pulverização na formação dos licenciados, o que indica frágil preparação para o exercício do magistério na educação básica”. Essa constatação expõe o quão importante é a existência de mecanismos que estimulem o exercício docente durante a formação, permitindo que os estudantes comecem a absorver a expertise necessária a todo professor. Para além desse ponto, essa vivência já possibilita a conformação de sua prática docente, levando para seus alunos aquilo que considerou ser relevante em sua formação. Assim, como explicita Gatti (2010), longe de uma ótica opacizada e romântica a respeito do magistério e com vistas ao seu caráter profissional, há de se consolidar espaços, técnicas e habilidades que garantam essa profissionalização desde os anos iniciais da licenciatura.

É nesse contexto que se apresenta o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O Programa tem como objetivo nuclear ofertar a oportunidade da formação prática, com os alunos das licenciaturas podendo viver a essência da educação pública brasileira. Assim, é possível “malhar” todos os braços da experiência do lecionar, desde a atuação na sala de aula, até os imperativos burocráticos da profissão, passando,





X Encontro Nacional das Licenciaturas em Geografia

inclusive, pela elaboração de ferramentas pedagógicas, a exemplo do trabalho de campo, além da pesquisa e extensão, como é o caso do presente relato de experiência.

A utilização da metodologia do trabalho de campo em geografia remonta aos primórdios dessa ciência e aplica-se em suas variadas ramificações. Neves (2015) ressalta que o campo propicia a observação in loco, a análise e a interpretação dos fenômenos em seu local de ocorrência e traz à tona as etapas que envolvem esse processo: o planejamento, a realização e, posteriormente, o relato. Um desafio que costuma bater à porta refere-se ao grau de autonomia tomado pelos estudantes no campo, em que os alunos aparecem passivos frente à escolha dos locais visitados, dos temas estudados, das atividades propostas etc. Daí a importância do PIBID em se tratando da experiência dos licenciandos, haja vista a oportunidade de construir afinidade com a organização do trabalho de campo, não tirando os olhos do foco na consumação de uma atividade centrada no estudante.

A consolidação dessa dinâmica de aprendizagem, na qual o discente encontra-se inserido na realidade pesquisada, observando e vivenciando, questionando e compreendendo, possibilita aquilo que Freire (1996) chama de verdadeira aprendizagem. Entender a teoria a partir daquilo que vivencia, questionando aquilo que experienciou, permite uma aprendizagem menos abstrata e mais palpável. Nas palavras do autor,

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos (Freire, 1996, p. 15).

Assim, urge reflexões e experiências vinculadas a formação de professores no Brasil em que a empreitada seja o desenvolvimento de competências pedagógicas alicerçadas na articulação eficiente entre teoria e prática. No bojo das atividades lançadas através do PIBID, o acontecimento do trabalho de campo no Parque Nacional da Restinga Jurubatiba, com as turmas de 3º ano do Colégio Estadual Benta Pereira, buscou-se integrar teoria e prática, na medida em que se entende que formar professores não é apenas transmitir técnicas, mas desenvolver uma prática crítica e reflexiva, ao passo que a formação cidadã dos educandos deve seguir o mesmo trajeto.

Lacoste (2006), ao debater a relação entre o abstrato e o empírico na investigação geográfica, explicita a importância da pesquisa de campo. Para o autor, essa metodologia







X Encontro Nacional das Licenciaturas  
em Geografia

permite ao pesquisador uma ação protagonista, deixando de ser meros receptores de informações de maneira sistemática. De maneira similar, mas vinculado ao ensino básico, Lemos (2021) reitera o papel do trabalho de campo enquanto aparato didático-metodológico em Geografia, sem perder de vista os aspectos relacionados a sua viabilidade e situações sociais e políticas que podem se avizinhar.

E esses pontos já aparecem em destaque nos documentos que regem a ação da geografia enquanto um saber escolar, fazendo com que apresente grande potencial de apropriação. Há uma correlação direta entre trabalho de campo com as habilidades e competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que, para a Geografia, privilegia a concepção do “pensamento espacial” por e a partir do “raciocínio geográfico” (Brasil, 2018). A pesquisa de campo realizada neste relato de experiência teve com base tais princípios orientados pela BNCC, sobretudo na órbita das seguintes habilidades:

- EM13CHS302 – Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais - entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais -, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.
- EM13CHS304 – Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

Desse modo, a atividade no Parque Jurubatiba não foi apenas uma saída de sala de aula, mas um trabalho articulado às competências e habilidades da BNCC para a Geografia na Educação Básica. A pesquisa de campo propiciou aquilo que Callai e Cavalcanti (1999) denominam de “Geografia do aluno”: a elaboração de práticas pedagógicas inovadoras e congruentes com a realidade vivida. Assume-se, pois, que o saber geográfico é construído por educadores e educandos no dia-a-dia enquanto transformam e são transformados pelo espaço



geográfico. Esses aspectos estiveram presentes durante a execução da visita técnica de campo a qual mencionaremos adiante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES: RELATANDO AS EXPERIÊNCIAS DA PESQUISA DE CAMPO DO PARQUE NACIONAL DE JURUBATIBA - RJ**

A pesquisa de campo realizada no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, localizado no litoral norte do estado do Rio de Janeiro, entre os municípios de Macaé, Quissamã e Carapebus (figura 1), proporcionou uma experiência de aprendizagem extremamente significativa. A escolha de Jurubatiba se deu por sua relevância ambiental e geográfica: trata-se da maior faixa contínua de restinga preservada do país, com ecossistemas ricos em biodiversidade, incluindo lagoas costeiras, vegetação típica e espécies endêmicas. Além disso, o parque representa um importante laboratório natural para discutir questões ambientais, territoriais e sociais que são abordadas nos conteúdos escolares de Geografia.

Figura 1 – Extensão territorial do Parque Nacional Jurubatiba



Fonte: Mar sem fim, 3 de fev. 2015. Disponível em: <https://marsemfim.com.br/parque-nacional-da-restinga-de-jurubatiba-rj/amp/>.





X Encontro Nacional das Licenciaturas

X Encontro Nacional das Licenciaturas

A turma escolhida para participar foi a do terceiro ano do Ensino Médio, considerando que os alunos estão em fase de conclusão da educação básica e, portanto, encontram-se em um momento propício para vivenciar atividades de campo que consolidam conhecimentos e ampliam perspectivas críticas sobre o espaço geográfico. A proposta foi desenvolvida sob a orientação da professora supervisora Raquel Bastos, com apoio da direção escolar que garantiu transporte e infraestrutura, e envolveu a participação direta dos pibidianos em todas as etapas de planejamento e execução.

Antes da realização do campo, trabalhamos previamente em sala de aula conteúdos fundamentais para a compreensão do espaço visitado, como relevo, base hidrográfica e vegetação. Foram elaboradas aulas introdutórias e materiais de apoio com mapas e imagens (como o da figura 1), para que os estudantes pudessem se familiarizar com os aspectos físicos e ambientais da região. Durante a aula, os alunos foram organizados em grupos e participaram de atividades de análise com o uso de imagens de satélite, nas quais puderam identificar a localização do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, reconhecer suas principais formações vegetais e compreender a importância dos ecossistemas de restinga e manguezal na dinâmica costeira. Também foram abordados os domínios morfoclimáticos brasileiros, articulando teoria e observação prática para a análise da paisagem visitada.

Essas discussões teóricas permitiram que os alunos chegassem ao campo com um olhar mais atento e preparado para observar os elementos da paisagem. Além disso, ocorreram reuniões entre os bolsistas do PIBID e a professora supervisora para definir objetivos, conteúdos a serem aprofundados e explicitação de questões logísticas. Para a pesquisa de campo esse ponto é muito importante: a organização das dinâmicas de deslocamento. Entre os principais desafios enfrentados estavam a organização do deslocamento de um grupo numeroso, a compatibilização de horários com o funcionamento do Parque e a garantia de participação ativa dos estudantes, exigindo planejamento coletivo e diálogo constante com a escola.

No dia da visita, o grupo foi recepcionado por duas guias do Parque. Estas foram contactadas de maneira prévia pela supervisora, que explicitou aquilo que estava trabalhando em sala de aula e evidenciou os pontos relevantes que o ambiente poderia propiciar. A professora supervisora fez essas ações deixando claro que os locais visitados no campo seriam delimitados pelas guias, pois elas conheciam o ambiente e saberiam levar os discentes de maneira segura em todo trajeto. A dinâmica educativa seria efetivada a partir da relação das







X Encontro Nacional das Licenciaturas

guias, da docente e dos discentes, que seriam conduzidos pelas trilhas interpretativas. Durante o percurso, os alunos puderam observar as diferentes formações vegetais da restinga, espécies nativas, lagoas costeiras e aspectos da fauna local, como o canto de aves e sua função ecológica.

No momento da pesquisa de campo organizamos os momentos de “paradas interpretativas”, nas quais as guias delimitaram locais de debates, com elementos em evidência que permitiu a “experienciação” daquilo que foi debatido em sala. A docente incitava nos discentes as relações. Essas paradas interpretativas foram momentos de troca. Os pibidianos atuaram como apoio pedagógico, ajudando na organização dos grupos, estimulando perguntas e relacionando o que era visto no campo com os conteúdos trabalhados anteriormente. Por exemplo, ao observar uma lagoa, retomamos discussões feitas em sala sobre recursos hídricos e regulação climática local. Já ao perceberem acúmulo de resíduos e pressões urbanas ao redor do Parque, os estudantes espontaneamente começaram a debater sobre sustentabilidade, ocupações irregulares e responsabilidade socioambiental. Alguns relatos dos alunos mostraram o impacto da experiência. Muitos comentaram que “nunca tinham participado de uma atividade assim” e que “ver de perto o que estudam nos livros fez tudo fazer mais sentido”. Para os pibidianos, ouvir esses depoimentos foi uma confirmação da importância da articulação entre teoria e prática no ensino de Geografia.

A experiência do trabalho de campo foi de total relevância durante toda a sua realização, inclusive sob prisma dos bolsistas do PIBID. O Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba reúne características singulares no que tange à fauna, à flora e à sua geomorfologia, abarcando componentes que, com o trabalho de campo, pudemos observar juntamente com os alunos do Benta Pereira, a professora supervisora Raquel Bastos e as guias do Parque. Foi possível exercitar nosso conhecimento acerca do ecossistema em questão de maneira fidedigna, coisa que dificilmente seria alcançada com o estudo apenas em sala de aula. Como profissionais docentes, a familiaridade com a produção de um trabalho de campo é essencial. Essa ferramenta metodológica e pedagógica, tão cara à Geografia, permite uma imersão profunda no que está sendo estudado, abrindo as portas para uma série de resultados que, para além da compreensão científica das nuances do Parque, constroem lembranças, valores sustentáveis e instigam o senso espacial nos participantes, especialmente nos alunos. Em suma, o trabalho de campo é um forte elo entre o ser humano e seu imperativo geográfico,





e como aparato pedagógico é elementar para a construção de cidadãos conscientes do papel enquanto entes produtores do espaço.

Cabe frisar a consonância do trabalho de campo realizado com as habilidades e competências projetadas pela BNCC para a Geografia no Ensino Médio, como já mencionado anteriormente. Essa atividade não foi planejada de forma aleatória, mas pensada para dialogar diretamente com os conteúdos que haviam sido trabalhados em sala, como relevo, base hidrográfica e vegetação. Essa preparação prévia foi fundamental para que os alunos pudessem compreender, de maneira mais concreta, os elementos observados durante a visita ao Parque.

Em retorno do campo, realizamos uma atividade pós-campo com as turmas, organizado uma roda de conversa. Esse encontro foi muito rico, pois possibilitou que os alunos compartilhassem as impressões, curiosidades e descobertas que tiveram ao longo da atividade. Muitos destacaram a surpresa ao ver de perto a diversidade da vegetação e a importância das lagoas para o equilíbrio ambiental da região. Também houve espaço para relatos mais pessoais, em que alguns alunos contaram que nunca haviam visitado um Parque antes, o que tornou a experiência ainda mais significativa para eles.

Para nós, pibidianos, esse momento de troca foi especialmente importante. Pudemos refletir sobre a prática docente, perceber como os alunos absorveram os conteúdos e entender os impactos reais que uma atividade de campo pode gerar na formação deles. Amarrando os aprendizados teóricos e práticos que vivemos ao longo de toda a experiência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi debatido, alguns pontos valem ser retomados. O primeiro diz respeito a importância do PIBID para a consolidação das práticas docentes do licenciando. O Programa proporciona o desenvolvimento integral do profissional docente, na medida que o faz vivenciar dinâmicas da escola e os coloca em contato com profissionais de relevância que estabelecem práticas importantes na sua rotina escolar. Assim, em conjunto com os professores supervisores, coordenadores de áreas e coordenadores institucionais, os bolsistas – também chamados de ‘pibidianos’ – exercitam a práxis e a pesquisa.

Também vale enfatizar que a realização da pesquisa de campo no Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba-RJ com os alunos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual





X Encontro Nacional das Licenciaturas

Benta Pereira, localizado no subdistrito de Gaurama em Campos dos Goytacazes, desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), proporcionou uma grande experiência formativa para as diferentes camadas envolvidas na atividade, reforçando a importância do protagonismo da pesquisa na prática docente.

A pesquisa de campo permitiu, de forma atraente, aproximar os alunos dos conteúdos. Fora da sala de aula, o conteúdo abstrato ganhou um novo sentido, por meio da própria vivência, os alunos puderam, de maneira mais crítica, compreender que a aprendizagem vai além dos espaços físicos da escola. Já no que desrespeita ao caráter formativo a experiência da pesquisa para os bolsistas do PIBID de licenciatura em Geografia do IFF Campos, representou uma grande aquisição em sua formação docente. A escola-campo, o colégio Estadual Benta Pereira contribui para que os pibidianos possam expressar e desenvolver sua vocação docente na prática. A pesquisa de campo possibilitou a participação dos futuros professores em todas as etapas do processo educativo, desde o planejamento da pesquisa até a mediação das aprendizagens no campo, reafirmando a potência que a pesquisa de campo tem como uma estratégia didático-pedagógica e a influência do PIBID na formação de futuros professores.

Dessa forma, podemos afirmar que a pesquisa de campo é um instrumento essencial no ensino de Geografia, e os licenciandos que atuam no PIBID compreendem essa dimensão dos saberes e contribuem para uma educação mais significativa, que vai além da “transmissão” de conteúdos, trabalhando a construção do conhecimento geográfico no aluno a partir da interação da teoria e prática.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília, 2018. Disponível em: [https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 5 out. 2025.

CALLAI, Helena; CAVALCANTI, Lana. Formação inicial de professores de Geografia no Brasil: diretrizes e demandas para a qualificação profissional. In: **REIDICS**, n. 13, p. 33-51, 2023. Disponível em: <https://revista-reidics.unex.es/index.php/reidics/article/view/2244/2131>. Acesso em: 5 out. 2025.





X Encontro Nacional das Licenciaturas em Geografia

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (org.). **Geografia cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. In: **Educação & Sociedade**, [S.l.], 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/R5VNX8SpKjNmKPxxp4QMt9M/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 out. 2025.

LACOSTE, Yves. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, nº 84, p. 77-92, (2006[1977]). Disponível em: <https://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/729>. Acesso em: 03 out. 2025.

LEMOS, Linovaldo Miranda. O trabalho de campo como experiência educativa em geografia. **Geographia**, [S.L.], v. 23, n. 50, p. 1-18, 9 jun. 2021. Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - UFF. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22409/geographia2021.v23i50.a41079>. Acesso em: 03 out. 2025.

NEVES, Karina Fernanda Travagim Viturino. **Os trabalhos de campo no ensino de geografia: reflexões sobre a prática docente na educação básica**. Ilhéus: Editus, 2015. 139p.

PANIAGO, Rosenilde Nogueira; FERNANDES, Maria Assunção Flores; SARMENTO, Teresa. A investigação da prática pedagógica como vertente essencial do trabalho dos formadores de professores nos IFs: das ações que temos às ações que queremos. In: **Preprints**, 2024. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2544/4400>. Acesso em: 5 out. 2025.

SILVA, Maria Aparecida da; LIMA, José Carlos de; PEREIRA, Ana Paula. Desafios da educação na era da tecnologia. In: **Trabalho, Educação e Saúde**, [S.l.], v. 13, n. 3, p. 563-580, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9868/9931>. Acesso em: 5 out. 2025.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Práticas espaciais. In: SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da Pesquisa Socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p. 235-260.

STRAFORINI, Rafael. O ensino da Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 32, n. 93, p. 175-195, 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/0103-4014.20180037>. Acesso em: 03 out. 2025.



